

Descrição e análise morfossintática da terminologia do babaçu do Maranhão

Description and morphosyntactic analysis of the terminology of babassu from Maranhão

Theciana Silva Silveira*

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

Conceição de Maria de Araujo Ramos*

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

Resumo: Este trabalho objetiva descrever e analisar os aspectos morfológicos da terminologia do babaçu baseando-se na proposta tipológica elaborada por Alves (2004) e na orientação teórica da morfologia derivacional. O texto está estruturado em quatro partes: (i) levantamento de termos e suas variantes, presentes na modalidade oral da terminologia do babaçu do Maranhão; (ii) seleção do *corpus* por meio de programas de processamento de *corpora* linguísticos; (iii) descrição dos processos sintáticos registrados no *corpus* e (iv) análise dos termos. O *corpus* foi constituído com base no discurso oral das quebradeiras de coco dos municípios de Buriti, Itapecuru-Mirim, Viana, Vargem Grande, Presidente Vargas, Cantanhede e São Bento, todos no Maranhão. Para recolher os termos, foi aplicado o questionário semântico-lexical elaborado pelo projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), que contém 54 questões. Para selecionar e compilar os dados, foram utilizados os programas computacionais AntConc, no qual os inquéritos foram transcritos e processados, e o Microsoft Access, no qual foram geradas tabelas, organizando os termos registrados. Os resultados mostram que no *corpus* utilizado os compostos sintagmáticos representam o processo de formação mais produtivo, correspondendo a 71% do total de 94 termos selecionados.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão e auxiliar de pesquisa do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). E-mail: thecianasilveira@gmail.com.

** Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do projeto ALiMA. E-mail: conciuafma@gmail.com.

Palavras-chave: Aspectos morfossintáticos. Terminologia. Babaçu. Maranhão.

Abstract: This article aims to describe and analyze the morphological aspects of the terminology of babassu based on derivational morphology and a typological proposal by Alves (2004). It is divided in four parts: (i) survey on terms and its variants in the terminology of babassu from oral language in the state of Maranhão; (ii) selection of the *corpus* with the aid of language processing programs; (iii) description of syntactical processes registered on the *corpus*, and (iv) analysis of the selected terms. The *corpus* of this research is based on the oral discourse of coconut breakers from the municipalities of Buriti, Itapecuru-Mirim, Viana, Vargem Grande, Presidente Vargas, Cantanhede, and São Benedito, in the state of Maranhão. To gather these terms, we applied a lexical-semantic questionnaire developed by the project Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) (Linguistic Atlas of Maranhão), which contains 54 questions. For the selection and compilation of data, we used the software AntConc – which transcribes and processes the surveys – and Microsoft Access – which generates tables to organize the registered terms. The results show that, in the *corpus* used for this work, phrasal compounds represent the more productive formation process, corresponding to 71% of 94 selected terms.

Keywords: Morphosyntactic aspects. Terminology. Babassu. Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

O babaçu é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Atualmente é o segundo maior produto florestal não madeireiro mais vendido no Brasil e é encontrado, principalmente, em plantações conhecidas como babaçuais. O Maranhão, segundo dados do IBGE (2010), é o estado onde há maior concentração de palmeiras de babaçu e, consequentemente, dos produtos oriundos do seu coco.

A palmeira do coco babaçu tem um papel significativo no cenário econômico da agricultura do Maranhão, tanto no plano industrial, com as grandes indústrias de beneficiamento, como no plano da atividade extrativista em si (realizada por famílias de baixa renda, com a coleta e a quebra do coco) e da produção artesanal (de óleo, sabonete, farinha, biscoito). É grande o número de produtos e subprodutos oriundos do babaçu, já que o aproveitamento da palmeira é integral: da folha à semente.

Tendo em vista esse panorama, o babaçu requer estudos de natureza social, cultural e linguística. Em relação aos estudos desta natureza, convém destacar que o trabalho de coleta e trato do produto oferece uma excelente oportunidade para registrar o termo, pois muitas dessas trabalhadoras

conservam, em seu discurso, formas linguísticas próprias, pertencentes a um vernáculo característico do Maranhão. Por ser coletiva e, em geral, envolver diferentes gerações de uma mesma família, a atividade congrega vários sujeitos, que interagem em situações naturais de comunicação linguística sob a forma de conversas, cantorias e relatos de experiências pessoais.

Todo esse material linguístico traz consigo uma parte específica do léxico da língua portuguesa, que é o vocabulário profissional das quebradeiras de coco. Sua descrição permite a análise dos termos em vários níveis, sobretudo no morfossintático, examinado neste trabalho.

Será apresentada uma análise da formação dos termos, suas diferentes configurações e a dificuldade de classificá-los em uma só tipologia, devido à diversidade de sua constituição morfológica.

2 AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS SINTÁTICAS

As formações neológicas sintáticas são combinações de elementos já existentes no sistema linguístico do português, e não estão presentes apenas no nível lexical, estão também no nível frásico. Segundo Alves (2004, p. 14), “o acréscimo de sufixos pode alterar a classe da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com valor de unidade lexical”.

Desse modo, os processos sintáticos podem ser classificados em: (i) formação por derivação – prefixal e sufixal; (ii) formação por composição – coordenada e subordinada; (iii) formação sintagmática e (iv) formação por siglas e acrônimos. Para o presente estudo, não serão considerados os processos de composição por siglas e acrônimos.

Em se tratando dos processos selecionados para este trabalho, apresentamos no Quadro 1 uma síntese com base nas ideias apresentadas em Alves (2004).

Quadro 1 – Processos sintáticos e suas definições. Elaborado a partir de Alves (2004).

Processos sintáticos		Definição
Derivacional	Prefixal	“trata-se de uma partícula independente ou não-independente que, anteposta a uma palavra-base, atribui-lhe uma idéia acessória e manifesta-se de maneira recorrente, em formações em séries.” (p. 15).
	Sufixal	“dá-se quando um elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma idéia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.” (p. 15).
Composicional	Coordenada	“ocorre sempre entre bases que possuem a mesma distribuição [...] a função sintática da coordenação é exercida pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical.” (p. 41).
	Subordinada	“Caracteriza-se por uma relação determinado/determinante ou determinante/determinado entre seus componentes, podendo ser compostas entre bases livres e bases presas.” (p. 44)
Formação sintagmática		“processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um elemento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica.” (p. 50)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste estudo adota os princípios teóricos e metodológicos da Teoria da Morfologia Derivacional e está dividida nas seguintes etapas: (i) leitura de trabalhos técnicos e científicos que envolvem o universo do babaçu, além de pesquisas referentes à morfossintaxe; (ii) levantamento de termos e suas variantes, presentes na modalidade oral da terminologia do babaçu do Maranhão; (iii) seleção do *corpus* linguístico por meio de programa de processamento de *corpora* linguísticos; (iv) descrição do *corpus* e (v) análise dos componentes da terminologia do babaçu.

3.1 *Corpus*

O *corpus* da pesquisa é constituído por textos, na modalidade oral das quebradeiras de coco babaçu, de sete municípios maranhenses: Buriti, Itapecuru-Mirim, Viana, Vargem Grande, Presidente Vargas, Cantanhede e São Bento. Os municípios foram escolhidos de acordo com a distribuição da produção de babaçu em toneladas¹, abrangendo os cinco níveis de produção de coco babaçu no Maranhão, são eles:

Nível 1 – 0 a 11: São Bento

Nível 2 – 12 a 73: Cantanhede

Nível 3 – 74 a 299: Buriti, Viana

Nível 4 – 300 a 890: Itapecuru-Mirim, Presidente Vargas

Nível 5 – 891 a 5306: Vargem Grande²

Os textos, extraídos do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), foram recolhidos por meio da aplicação de um questionário semântico-lexical (QSL), que contém 54 questões.

Para selecionar os termos, utilizamos o programa gratuito AntConc, que trabalha com um conjunto de ferramentas de análise de *corpus*. Os inquéritos transcritos foram processados, principalmente nas ferramentas *wordlist* e *concordance*, as quais possibilitam a seleção mais acelerada, uma

1 Convém esclarecer que, como trabalhamos com o banco de dados do ALiMA, projeto que conta com uma rede significativa de pontos linguísticos, foi possível considerar mais de cinco localidades, razão por que temos mais de um município para um mesmo nível de produção.

2 IBGE – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.

análise mais completa e a observação dos termos que aparecem com maior frequência e em qual contexto. Após a recolha do *corpus*, analisamos os seus aspectos morfofossintáticos.

3.2 Identificação dos processos de formação lexical e compilação dos dados

Para descrever os processos de formação de palavras encontradas na terminologia do babaçu, organizamos os termos em uma tabela gerada pelo programa Access (Microsoft, 2010), dividindo-os em colunas com os seguintes campos:

Coluna 1: todos os 94 termos;

Coluna 2: processo sintático de derivação prefixal;

Coluna 3: processo sintático de derivação sufixal;

Coluna 4: composição por subordinação por bases livres;

Coluna 5: composição por subordinação por bases presas;

Coluna 6: composição sintagmática.

Desse modo, foi possível selecionar os termos de acordo com o seu processo de formação. Ao final da coleta, chegou-se a 156 termos da fala das quebradeiras de coco, dos quais 60,2% (94 termos) correspondem à formação por derivação e composição, e 40,8% (62 termos), a sintagmas simples.

Depois da descrição do *corpus*, analisaremos os termos encontrados quanto aos aspectos morfofossintáticos, observando as formações sintáticas mais produtivas na terminologia do universo do babaçu.

4 RESULTADOS

4.1 Descrição

4.1.1 Derivação

No *corpus* em análise, o processo sintático derivacional ocorre 26 vezes. Vale destacar que muitas dessas ocorrências estão integradas a um composto sintagmático.

A derivação prefixal ocorre apenas duas vezes, como podemos observar nos exemplos: *descapotar a palmeira* e *anticasco vermelho*. Registramos, desse modo, apenas os prefixos *des-* e *anti-*.

Já a derivação sufixal, com um número de ocorrências bem maior se comparado com a derivação prefixal, soma um total de 25 casos. Vejamos alguns exemplos: *babaçual*, *bagacinho*, *bagaço*, *bichinho*, *cachopa*, *cachopeiro*, *caçoteira*, *quebradeira*, *gançolinha*, *cercado*, *chorozinho*, *cocal*, *palmeiral*, *coco encharcado*, *coco inchado*, *filhote*. Registramos os sufixos: *-aço*, *-al*, *-eiro(a)*, *-inho(a)*, *-ado*, *-ote*, *opa*.

4.1.2 Composição

O processo sintático de composição subordinativa de base livre apresenta uma ocorrência, no exemplo: *coco babaçu*. Já o de base presa, duas, nos termos: *endocarpo* e *mesocarpo*. Por fim, o processo sintático de composição sintagmática apresenta 73 ocorrências, como podemos ver em: *bicho de coco*, *cacho de coco*, *gançola do coco*, *capote das palhas*, *choro da palmeira*, *estar na remela*, *coco inchado*, *coco de solta*, *leite de coco*, *sabonete de coco*, *palha mansa*, *palha braba*, *palha nova*, *olho da palha*, *quebradeira de coco*.

4.2.2 Total de ocorrências dos processos de formação de palavras

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos processos de formação e suas ocorrências, considerando o total de 94 termos analisados nesta amostra.

Tabela 1 – Total de ocorrências dos processos de formação de palavras

Processo de formação	Número de ocorrências
Composições sintagmáticas	73
Derivação sufixal	25
Composição subordinativa de base presa	2
Composição subordinativa de base livre	1
Derivação prefixal	2
Total	103

De acordo com a Tabela 1, dos processos estudados na terminologia do babaçu a composição sintagmática é a mais produtiva, somando 73 ocorrências. Em seguida, a derivação prefixal, com 25. A composição coordenativa, a subordinativa de base presa e a derivação prefixal somam 5 ocorrências, apresentando-se pouco produtivas nos termos encontrados.

É importante ressaltar que o total de ocorrências é superior ao número de termos analisados, uma vez que a formação de um mesmo termo se dá por meio de mais de um processo, como nos exemplos:

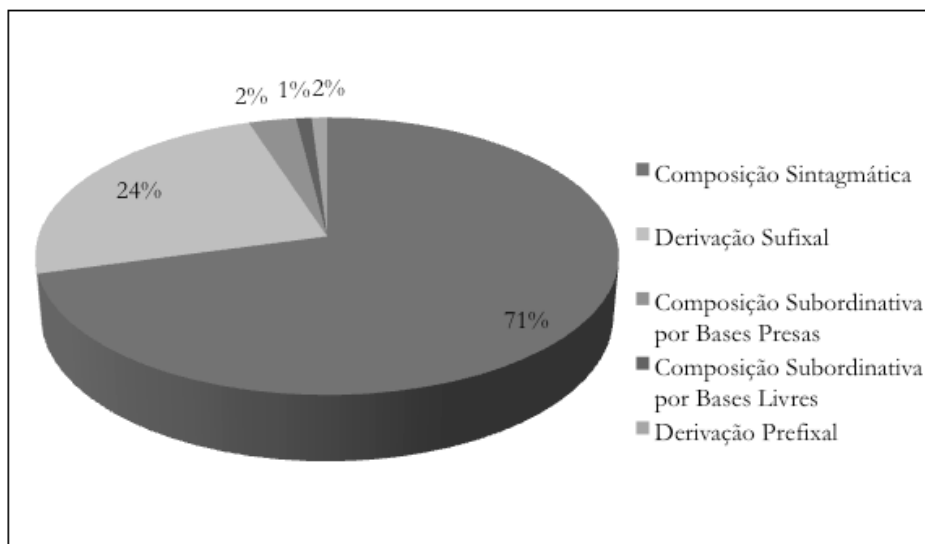
Descapotar a palmeira: derivação prefixal (*descapotar*) e composição sintagmática;

Quebradeira de coco: derivação sufixal (*quebradeira*) e composição sintagmática;

Anticasco vermelho: derivação prefixal (*anti+casco*) e composição sintagmática.

Os dados descritos estão ilustrados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentuais da distribuição dos termos segundo o processo de formação

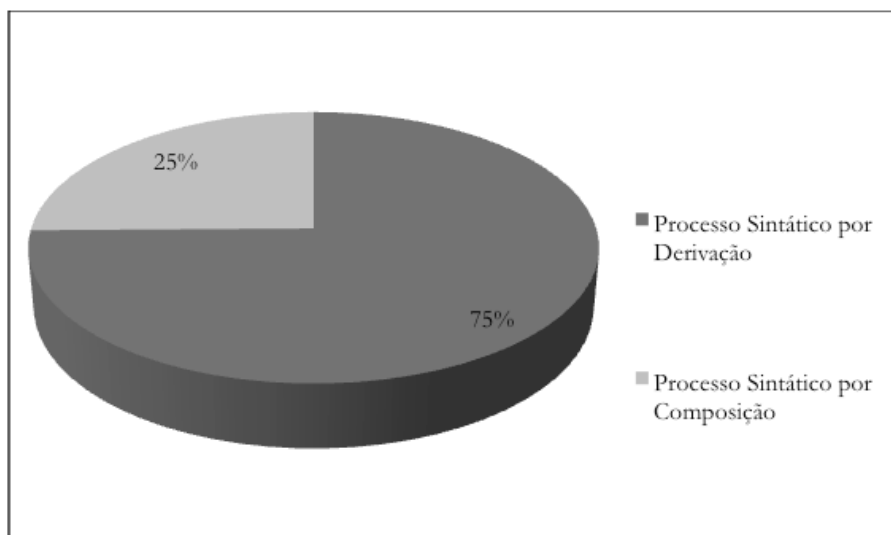


Podemos dividir os tipos de processos encontrados na terminologia do babaçu em dois grupos: (i) processo sintático por derivação e (ii) processo sintático por composição, como se observa na Tabela 2 e no Gráfico 2.

Tabela 2 – Total de ocorrências dos tipos de processos de formação de palavras

Tipos de processo	Número de ocorrências
Processo sintático por derivação	27
Processo sintático por composição	76

Gráfico 2 – Percentuais da distribuição dos tipos de processo de formação



4.2 Análise

Tomando como base a tipologia elaborada por Alves (2004), analisaremos as formações sintáticas derivacionais – prefixal e sufixal –, as formações sintáticas composicionais e as composições sintagmáticas separadamente, nos tópicos a seguir.

4.2.1 Derivação

4.2.1.1 Derivação prefixal

No *corpus* em análise, foi possível encontrar apenas duas ocorrências de derivação prefixal: *des-* e *anti-*.

O prefixo *des-*, de acordo com Alves (2015), se une a todas as classes variáveis, formando nomes e especialmente verbos. Segundo Houaiss e Villar (2009), o prefixo *des-* pode exprimir oposição, negação ou falta. Em nossa amostra, observamos a ideia de *falta* no termo *descapotar a palmeira*. A essa formação, *des-* atribui o significado de *sem*, *desprovido de*, que, no exemplo, significa tirar a palha, tornar desprovida de palha.

Segundo Houaiss e Villar (2009), o prefixo *-des* é grego e pode significar em frente de, de encontro a, contra, em lugar de. De acordo com essa acepção, podemos observar o uso de anticasco no universo das quebradeiras de coco com a ideia de *em frente de*, uma vez que seu significado, nas palavras das quebradeiras³, é a parte do coco que fica em frente à casca.

4.2.1.2 Derivação sufixal

Considerando o exposto na seção 4.1.1, registramos 25 termos com derivação sufixal, dentre os quais se destacam: *-inbo(a)*, *-ado*, *-eiro(a)* e *-al*.

O sufixo *-inbo(a)*, segundo Maroneze *et al.* (2015), é um dos mais recorrentes na língua portuguesa. No *corpus* em análise, é encontrado unido a bases substantivas, a saber: *bagacinbo*, *bichinbo*, *ganzolinha*, *chorozinho*, *marretinha* e *machadinho*.

Já o sufixo *-ado*, segundo Coleti e Almeida (2010, p. 286), “indica formas verbais nominalizadas, que ocorrem em função adjetiva em n-gramas⁴ de duas ou mais partes ou com função substantiva”, como podemos ver nos seguintes exemplos: *coco encharcado*, *coco inchado*, *coco pelado*, *coco queimado*, *coco sapecado* e *cercado*.

3 INF. Itapecuru-Mirim. 01: “Sim, senhora. Essa casca aqui. Aqui em frente a essa casca é o anticasco vermelho. Aí a gente tira o anticasco vermelho, aí chega na massa branca”.

4 Utiliza-se a nomenclatura de linguística computacional n-gramas para identificar as lexias compostas.

O sufixo *-eiro*, por sua vez, é formador de adjetivos com base nominal e verbal, e também é um dos sufixos mais frequentes da língua portuguesa (Maroneze *et al.*, 2015). Nos dados desta pesquisa, podemos registrar esse sufixo como formador de substantivos designativos de agente, como *cachopeiro* e *quebradeira*, e sufixos designativos de instrumento, como *forageira*.

O sufixo *-al* é registrado nos exemplos: *cocal*, *babaçual* e *palmeiral*.

4.2.2 Composição

4.2.2.1 Composições por subordinação de base livre

Nas composições por subordinação, observa-se que entre os elementos há uma relação de determinado/determinante ou determinante/determinado. Assim, o elemento determinado constitui-se como genérico, e o determinante acrescenta uma especificidade. Podemos observar essa composição no exemplo a seguir:

(1) INQ. – E como se chama o fruto da palmeira do babaçu?

INF. – <Coco babaçu!> Coco ou <coco babaçu...> chama <coco babaçu> já sabe... porque tem o coco da praia e o coco das palmeiras, **já sabe que é o babaçu...** ((risos)).

No exemplo (1), é possível afirmar que a composição é formada por subordinação, uma vez que: (i) o termo é composto por duas bases livres que, juntas, veiculam uma só ideia, e (ii) a relação entre esses dois elementos estabelece a ideia de determinado e determinante que, na maioria dos casos, decorre da redução da seguinte frase-base: substantivo 1 que é (*que tem características de*) + substantivo 2 = *coco que é babaçu*.

Geralmente, o que determina o substantivo é o adjetivo, o que não ocorre no exemplo em análise. Embora a composição do termo *coco babaçu* seja composta por dois substantivos, a função sintática não é exercida pela justaposição, o que classifica o termo como um composto subordinativo, e não como um composto coordenado. Vale destacar, ainda, que uma composição coordenativa não apresenta relação de determinado/determinante ou determinante/determinado entre seus elementos integrantes.

4.2.2.2 Composições por subordinação com bases presas

As composições por subordinação de bases presas, no *corpus* em análise, não são tão produtivas, uma vez que esse tipo de formação sintática é encontrada, em sua maioria, no universo técnico-científico, pois é, em geral, formada por radicais greco-latinos (Cardoso, 2015). Vejamos os exemplos:

(2) INQ. Hoje vocês chama de <mesocarpo>, e antes, como é que vocês chamavam?

INF. Nós chamava mesmo era a massa.

INQ. Massa? E por que que a senhora chama hoje de <mesocarpo>? Por que houve a mudança?

INF. Porque a gente... olha, houve a mudança porque nós estamos tirando a massa do coco para produzir o <mesocarpo>.

INQ. Hum... aí as pessoas que vieram trabalhar com vocês...

INF. É... vieram trabalhar com nós...

(3) INF. Então, essa outra parte aqui de dentro. Essa aqui, já é o <endocarpo>. É a parte dura. Já é a parte dura...

INQ. E para <endocarpo> tem outro nome?

INF. A gente chama a casca do coco.

Nos exemplos (2) e (3), é possível afirmar que os termos são formados por composição por subordinação de bases presas, utilizando dois radicais gregos, *meso+carpo* e *endo+carpo*, respectivamente⁵.

Sandmann (1992) apresenta dois critérios para verificar compostos subordinativos por base presa: (i) a possibilidade de flexão de número apenas no segundo elemento do composto; e (ii) a forma de *continuum*, no

5 Termo registrado no discurso das quebradeiras de coco. Entretanto, vale destacar que seu aparecimento deve-se ao contato das quebradeiras com técnicos da área, como podemos observar no depoimento de uma quebradeira de coco: INF. “Aí a gente tira o anticasco vermelho, aí ficou a massa do coco, que hoje a gente tá chamando mesocarpo, do babaçu...” INQ. “Hoje chama mesocarpo, e antes, como é que vocês chamavam?” INF. “Nós chamava mesmo era de massa.” INQ. “Massa? E por que que a senhora chama hoje de mesocarpo? Por que houve a mudança?” INF. “É porque vieram trabalhar com nós, aí gravaram nós. Aí eu só uso mesmo mesocarpo lá em Itapecuru-Mirim.”

nível fonológico, em que a sílaba tônica de um dos elementos é “perdida”, ou seja, passa a ter um acento secundário, e o acento principal permanece em apenas um dos componentes.

4.2.2.3 Composições sintagmáticas

Os termos formados por composição sintagmática no nosso *corpus* foram bastante produtivos, com 73 ocorrências, que correspondem às seguintes estruturas: S+P+S (Substantivo + Preposição + Substantivo), S+A (Substantivo + Adjetivo), V+Art.+S (Verbo + Artigo + Substantivo), V+P+A (Verbo + Preposição + Adjetivo), S+P+A (Substantivo + Preposição + Adjetivo), V+P+V (Verbo + Preposição + Verbo), V+P+S (Verbo + Preposição + Substantivo), V+P+A (Verbo + Preposição + Adjetivo) e A+S (Adjetivo + Substantivo).

S+P+S: *azeite de babaçu, azeite de coco, bicho de coco, cacho de coco, cachopa de coco, ganzola do coco, capote das palhas, caroço de coco, casca do coco, chapéu do coco, choro da palmeira, fibra do coco, leite de coco, óleo de babaçu, óleo de coco, olho de palmeira, olho de palha, paçoca de babaçu, palmeira de babaçu, pasta de brilho, pé de coco, pedaço de pau, pele de coco, sabão de coco, sabonete de babaçu, sabonete de coco, tronco da palmeira, vinho de coco, quebradeira de coco.*

S+A: *anticasco vermelho, babaçu verde, caroço escaldado, casca grande, coco encharcado, coco inchado, coco pelado, coco preso, coco pubo, coco queimado, coco sapecado, coco verde, massa branca, palha aberta, palha braba, palha fechada, palha mansa, palha nova, palha velha, palmeira macho, palmeira manina.*

V+Art.+S: *ajeitar a palha, apurar o azeite, bater a palha, cortar o cacho, decotar a palmeira, derrubar a palha, descapotar a palmeira, futucar o cacho, pisar o caroço, riscar a palha, socar o coco, tirar a palha, tirar a pindova, torrar o caroço.*

V+P+A: *cair de bulha, caiu de movido, quebrar de meia.*

S+P+A: *coco de meia, coco de solta.*

V+P+V: *botar para secar.*

V+P+S: *estar na remela.*

A+S: *meia penca.*

Segundo Alves (2004, p. 50), “processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”. Considerando a alta

produtividade das composições sintagmáticas na terminologia do babaçu, destacamos a importância dessa formação no presente estudo. Os termos registrados mais produtivos são as formas S+P+S e S+A. Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus* em análise.

(4) INQ. e como é que chama a pessoa que quebra o coco babaçu?

INF. <quebradeira de coco>.

No exemplo (4), o termo *quebradeira de coco* é formado pelo processo de composição sintagmática. Segundo Biderman (1999 *apud* Araújo, 2015), para a distinção entre compostos sintagmáticos e os compostos em geral, podem ser aplicados dois testes: o da *substituição* e o da *inserção*. É possível aplicar o teste de inserção no exemplo (4):

(5) quebradeira **boa** de coco

Por meio do teste aplicado, podemos dizer que *quebradeira de coco* é um composto sintagmático, pois a inserção do adjetivo descaracteriza semanticamente o sintagma. Para inserirmos um adjetivo como *boa* no sintagma, este terá que ser inserido antes do primeiro elemento ou depois do segundo (*boa quebradeira de coco* ou *quebradeira de coco boa*). O mesmo ocorre no exemplo (5) a seguir:

(6) INQ. Eu olho pra palmeira e vejo que o coco fica pendurado, como é que chama aquela coisa que ele fica pendurado?

INF. O cacho. O cacho do coco.

cacho **grande** de coco

Para que se possa analisar a aplicação do teste de substituição, observemos os exemplos (6) e (7):

(7) INF. Aproveita tudo! Por exemplo, do jeito que ela tá ali, você cobre uma casa dessa daqui, você chama aquela palha ali que a gente vai, quando a gente termina de cobrir uma casa dessa aqui com <palha mansa>, aí vamos, vamos, vai botar um capote. Então o capote, a gente pega uma escada e sobe, na palmeira ali, e corta aquelas palhas ali, aquelas palhas já servem pra fazer o capote, que é pra fazer aquele, dar um corte no talo e quebra ele assim que é pra segurar as palhas pra botar ali.

(8) INF. Senhora, ela bota assim uma água, uma água vermelha, eu digo assim... que desce no olho né? Aí quando a gente corta ela, que ela derrama a gente, sabe gente do interior, né? Diz assim: coitada, a palmeira tá chorando, eles derribaram ela... ela ficou derramando uma lágrima. Aí, diz que ela tá chorando. É o <choro da palmeira>!

Nesses exemplos, são registrados os sintagmas *palha mansa* e *choro da palmeira*. O teste de substituição verifica se há possibilidade da troca de um dos elementos do sintagma sem que seja alterado semanticamente. Em *palha mansa*, observamos que seria inviável trocar o termo *mansa* por um sinônimo aproximado, como *calma*.

O mesmo ocorre no sintagma *choro da palmeira*. Nesse exemplo foi possível observar o uso metafórico em um dos elementos que compõem o sintagma, a saber: *choro*. Ao substituir o elemento *choro* por *lágrima*, há mudança de sentido do sintagma. Desse modo, torna-se inviável a substituição desse elemento para compreender o sentido total da composição sintagmática.

5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar os processos sintáticos considerando a tipologia de formação de palavras de Alves (2004), presentes na terminologia do universo do babaçu. Com base nas descrições e análise dos termos, podemos evidenciar os pontos principais referentes aos processos sintáticos de formação de palavras e aos mais produtivos registrados na amostra. Dentre os processos sintáticos de formação descritos e analisados, podemos destacar os de composição sintagmática, que correspondem a cerca de 71% dos 94 termos.

Este trabalho também nos mostra a importância do exame das composições e sua pertinência nos estudos terminológicos, mostrando que esse é um processo produtivo no léxico comum, bem como nos elementos lexicais do campo técnico-científico. Ratifica-se a tese apresentada e comprova-se que o conhecimento das quebradeiras de coco é especializado, pelo menos no que concerne ao aspecto morfológico das unidades lexicais próprias desse universo. Este estudo também nos mostra que a língua fornece mecanismos para criar processos sintáticos atendendo de forma satisfatória a necessidade dos falantes.

REFERÊNCIAS

Alves IM. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática; 2004.

Alves IM. Derivação prefixal. In: Rodrigues A, Alves IM, organizadores. A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto; 2015. p. 17-56.

Araújo M. Composição sintagmática, por siglas e acrônimos. In: Rodrigues A, Alves IM, organizadores. A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto; 2015. p. 123-144.

Araújo M, Martins PI, Silva WS. Estudando a terminologia das ciências naturais: as composições em revistas de divulgação científica. In: Alves IM, organizador. Cadernos de terminologia: termos, verbetes, glossários: algumas abordagens do trabalho terminológico. São Paulo: Citrat; 2011. (Série Cadernos de terminologia, vol. 4). p. 57-78.

Cardoso EA. Composição. In: Rodrigues A, Alves IM, organizadores. A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto; 2015. p. 111-122.

Coleti JS, Almeida GMB. Aspectos morfológicos da terminologia da nanociência e nanotecnologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2010;12(2):271-294.

Correa M, Lemos LSP. Inovação lexical em português. Lisboa: Colibri; 2005.

Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 06 abr. 2016.

Maroneze B, Cardoso EA, Pissolato L. Derivação sufixal. In: Rodrigues A, Alves IM, organizadores. A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto; 2015. p. 57-110.

Microsoft. Access. Programa computacional, versão 2010.

Sandmann AJ. Morfologia lexical. São Paulo: Contexto; 1992.